



## **PRESENÇA DE HENRIQUE CLÁUDIO DE LIMA VAZ NO HORIZONTE FILOSÓFICO DA CULTURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA**

*Henrique Cláudio de Lima Vaz' presence in the philosophical scene of contemporary Brazilian culture*

João A. Mac Dowell SJ \*

**Sumário:** Abertura do número especial de *Síntese*, comemorativo do centenário do nascimento de quem foi a alma da revista durante quase três décadas, este artigo, depois de fornecer o elenco das comemorações programadas, faz, na sua primeira parte, um levantamento da avaliação da obra filosófica de Lima Vaz em textos relativos à filosofia no Brasil, verificando, em seguida, qual é efetivamente a sua presença no cenário filosófico atual. Finalmente, após projetar a problemática, que se prevê dominante no meio filosófico brasileiro ao longo do século XXI, conclui que o pensamento de nosso filósofo tem chances de permanecer vivo, iluminando tais questões e inspirando soluções.

**Palavras-chave:** Henrique Vaz. Filosofia no Brasil. Século XXI.

**Abstract:** This article introduces the special *Síntese* issue dedicated to the celebration of the birth centenary of Henrique Cláudio de Lima Vaz, the soul of the journal for almost three decades. After providing the program of the celebrations, it gives an overview of the assessment of his philosophical work, in texts on philosophy in Brazil. Then, it verifies the author's effective presence in the current philosophical scene. Finally, after projecting the main questions,

---

\* Professor do Departamento de Filosofia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia ((FAJE/ BH). Artigo recebido em 04/03/2021 e aprovado para publicação em 05/03/2021.

expected to be of interest to the Brazilian philosophical community throughout the 21st century, it concludes that Lima Vaz's thinking is highly likely to live on, enlightening these issues and inspiring solutions.

Keywords: Henrique Vaz. Philosophy in Brazil. 21st century.

### ***Introdução: Comemoração do centenário do nascimento de Padre Vaz***

Ocorre neste ano o centenário do nascimento de Henrique Claudio de Lima Vaz (24/08/1921). Professor da Faculdade Jesuíta de Filosofia desde os tempos de Nova Friburgo num período de quase cinquenta anos, de 1953 a 2002, com uma interrupção de dez anos entre 1964 e 1974, Padre Vaz é também de longe a figura de maior projeção de sua história. Para comemorar dignamente essa data, a Faculdade programou uma série de eventos. Dentre esses destaca-se o XIV Colóquio Vaziano, que desta vez revestir-se-á de maior solenidade, de 18 a 20 de agosto, com duas sessões plenárias em cada tarde, quando o tema geral "Realização: a pessoa entre o tempo e a eternidade" será debatido sob diversos aspectos por ilustres representantes do mundo filosófico.<sup>1</sup> Além disso, o Grupo de Estudos Vazianos promove, também de modo virtual, um Ciclo de Debates mensais de abril a outubro sobre a obra do homenageado.

No final do ano passado já foi publicado o livro de Cláudia Maria Rocha de Oliveira e Marcelo Antônio Rocha (orgs.): *O que torna a vida realizada: homenagem aos 100 anos de Henrique Cláudio de Lima Vaz*.<sup>2</sup> Por outro lado, está prevista para 2021 a publicação de mais três volumes da Coleção *Obra filosófica inédita de Henrique Cláudio de Lima Vaz*, levando adiante a divulgação do rico material conservado no Memorial Padre Vaz da Biblioteca da mesma Faculdade, constante de textos manuscritos e de áudios, especialmente de seus cursos no Programa de Pós-graduação em Filosofia da FAFICH/UFMG e na própria Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE). Trata-se no caso da tradução da Introdução e Primeira Parte da *Ciência da Lógica* (1812) de Hegel, do comentário de Lima Vaz ao capítulo "O espírito certo de si mesmo. A moralidade" da *Fenomenologia do Espírito* (1807), bem como de alguns dentre os diversos cursos seus sobre a Filosofia da Natureza.

*Síntese – Revista de Filosofia* não poderia deixar de associar-se a tais comemorações. Presente já com um artigo no primeiro número e em vários

---

<sup>1</sup> O Programa pode ser acessado pelo link:

<https://faculdadejesuita.edu.br/documentos/XIV-COLOQUIO-VAZIANO.docx>

<sup>2</sup> Porto Alegre: Editora Fi, 2020, 322 p., acessível pelo link:

[https://drive.google.com/file/d/1BsWMW1cYTSicdYJbcaXBuf2qZO\\_4O74M/view](https://drive.google.com/file/d/1BsWMW1cYTSicdYJbcaXBuf2qZO_4O74M/view)

outros da primeira fase da revista, intitulada *Síntese Política, Econômica e Social* (1959-1968), a partir de sua refundação como *Síntese – Nova Fase* (1974), desde quando assumiu progressivamente um perfil expressamente filosófico, espelhado afinal em seu nome atual (1999), Lima Vaz tornou-se o verdadeiro promotor da publicação, seja como seu dedicado editor (1976-1995) ou co-editor (1995-2002), quando passou a outro as tarefas administrativas, seja mais ainda com seus artigos e editoriais, que conferiram ao periódico singular prestígio no meio filosófico nacional.

É assim que este número especial é dedicado à sua memória. Queremos consignar aqui o nosso agradecimento a todos os colaboradores que com textos de alto nível quiseram prestar sua homenagem ao mestre, ao amigo, ao inspirador seguro de seus caminhos em busca da verdade. As contribuições, referentes todas de um ou outro modo à obra de Lima Vaz, vêm enriquecer notavelmente a bibliografia a seu respeito e aprofundar a compreensão de sua obra. Abordam-na a partir de dois contextos diversos: por um lado, as que remetem a seus estudos históricos sobre nomes relevantes do pensamento filosófico; por outro, as que exploram as suas elaborações sistemáticas. Traço comum é que, sem nenhuma orientação prévia neste sentido, todas, ou apontam de algum modo para o aporte teórico que oferecem suas ideias para a solução filosófica de problemas atuais, ou já as aplicam criativamente no enfrentamento de tais questões.

Já no fim de sua vida, em artigo de 1998 na revista *Síntese*, Lima Vaz projetou, com extraordinária lucidez, a “Presença de Tomás de Aquino no horizonte filosófico do século XXI”.<sup>3</sup> Ao comemorarmos o centenário de seu nascimento há quase 20 anos da morte (23/05/2002) de quem foi considerado por muitos uma das figuras mais destacadas no cenário filosófico nacional da segunda metade do século passado, nada mais natural do que, inspirados em seu ensaio sobre o insigne autor medieval, perguntar neste texto introdutório qual poderá ser, mantidas as devidas proporções, a sua presença no horizonte filosófico da cultura brasileira do novo século.

### **1. Testemunhos da repercussão ímpar da obra vaziana no meio filosófico nacional**

Falo de cultura brasileira, porque devemos reconhecer que sua obra não teve até hoje, ao que tudo indica, qualquer repercussão significativa no meio filosófico de outras nações. Como é bem sabido, nossa língua cons-

---

<sup>3</sup> VAZ, Henrique C. de Lima. Presença de Tomás de Aquino no horizonte filosófico do século XXI. *Síntese – Revista de Filosofia*, v. 25 n. 80, jan-mar, 1998 p. 19-42. O texto foi retomado em sua última obra *Escritos de Filosofia VII: Raízes da Modernidade*. São Paulo: Loyola, 2002, p. 239-267.

titui um obstáculo sério para a divulgação dos textos nela escritos para além do âmbito de seus falantes. O próprio Lima Vaz, embora dominasse diversas línguas estrangeiras, não se empenhou em utilizá-las em seus escritos, muito menos em participar de congressos internacionais de filosofia. O Memorial Padre Vaz enumera, dentre os 198 artigos, capítulos e escritos de cunho acadêmico de sua autoria, apenas 10 publicados no exterior em outros idiomas.<sup>4</sup> São todos escritos breves, feitos a pedido para publicações católicas, reproduzindo na maior parte dos casos, literalmente ou não, textos já divulgados no Brasil. Pertencem na sua maioria à primeira fase de sua carreira até 1975, não fornecendo uma ideia de sua reflexão filosófica madura. Por outro lado, só foram identificados quatro artigos sobre seu pensamento publicados em periódicos estrangeiros, escritos por autores nacionais ou com ele relacionados. De outra natureza e da maior importância é, porém, a menção de seu nome no volume IV *Le discours philosophique*, coordenado por Jean-François Mattéi, da *Encyclopédie philosophique universelle*.<sup>5</sup> O capítulo 27 *La philosophie au Brésil*, também da lavra de autores brasileiros, inclui a *Antropologia Filosófica* de Lima Vaz, com o respectivo resumo, entre os livros dos catorze pensadores escolhidos para representar o pensamento filosófico brasileiro ao longo de toda a sua história.<sup>6</sup>

Sem dúvida, no futuro o seu nome não poderá ser ignorado numa história da filosofia no Brasil, que se refira de modo objetivo à produção filosófica nacional da época em questão. De fato, os textos atuais já lhe reservam um lugar de destaque no panorama da filosofia brasileira contemporânea. Assim Antonio Paim, que sublinha sua ideia de “consciência histórica”, situa-o, ao lado de Djalmar Menezes e Miguel Reale, como um dos três paradigmas da reflexão sobre o problema do “homem como consciência”, segundo ele, a linha de pensamento mais fecunda entre nós na segunda metade do século passado.<sup>7</sup> Ao falar da mesma época, igual relevo lhe conferem Lídia Acerboni no capítulo sobre a “Filosofia de inspiração cristã”,<sup>8</sup> bem como João Camilo de Oliveira Torres na sua *História das ideias religiosas no*

---

<sup>4</sup> A estas publicações no exterior, acrescentem-se os artigos para a *Revista Portuguesa de Filosofia*.

<sup>5</sup> JACOB, André (dir.). *Encyclopédie philosophique universelle*, vol. IV, *Le discours philosophique*. Paris: Presses Universitaires de France, 1998.

<sup>6</sup> Idem, p. 388-403. Os autores do capítulo são Tarcísio Padilha e Ricardo Velez. O nome de Lima Vaz e o resumo de sua *Antropologia Filosófica* encontram-se nas páginas 402-403.

<sup>7</sup> PAIM, Antonio. *História das Idéias Filosóficas no Brasil*, São Paulo: Editora Universidade de São Paulo / Editorial Grijalbo, 1974, 2ª ed., p. 46, cf. p. 46-51. E acrescenta, ao referir-se à corrente neotomista: “[C]onfigura-se uma tendência a reelaborar as posições da denominada metafísica do sujeito segundo um ponto-de-vista espiritualista, devendo o Padre Henrique Cláudio de Lima Vaz ser considerado o seu representante mais destacado” (p. 386s);

<sup>8</sup> ACERBONI, Lidia. *A filosofia contemporânea no Brasil*. Trad. João Bosco Feres. São Paulo: Grijalbo, 1969, p. 148-165. Original italiano: *La filosofia contemporanea in Brasile*: Milano: Vita e pensiero, 1968, p. 138-155.

*Brasil*<sup>9</sup> e Antonio Carlos Villaça em *História do pensamento católico no Brasil*.<sup>10</sup> Menor atenção presta-lhe Dom Odilon Moura OSB no capítulo “Direções do pensamento católico do Brasil no século XX” do livro coordenado por Adolpho Crippa *As ideias filosóficas no Brasil*, ao tratar brevemente dos cinco pensadores mais representativos da visão cristã no terceiro período desse século, a partir do Concílio Vaticano II.<sup>11</sup> Notável neste contexto é a penetração de Luís Washington Vita, que na sua *Pequena História da Filosofia* já em 1968 divisa no novo integrante do mundo filosófico nacional, “não obstante jamais ter publicado um só livro (...) a mais fulgurante cerebração do atual neotomismo brasileiro”, que “[a]lém de pensador engajado (...) é também o melhor intérprete da Filosofia atual no Brasil”.<sup>12</sup> Entretanto, todos esses autores encaram apenas a primeira fase do pensamento de Lima Vaz, que vai até meados da década de setenta. Também o volume terceiro da *História da Filosofia no Brasil* de Jorge Jaime, embora de data bem mais recente (2000), restringe-se a comentar escritos dessa mesma fase.<sup>13</sup>

Outra é a abordagem de Fernando de Arruda Campo em sua obra mais recente (1998) *Tomismo no Brasil*.<sup>14</sup> Sob o título “Tomismo e neotomismo na época atual” ele enumera 68 autores, dedicando a cada um cerca de uma página com algumas exceções como Leonel Franca, Alceu de Amoroso Lima, Leonardo Van Acker, Urbano Zilles e Maria do Carmo Tavares de Miranda, que merecem mais algumas, no máximo oito. Entretanto, a Lima Vaz consagra 42 páginas, justificadas, sobretudo, por ele “ter aberto ao tomismo, no Brasil, novos rumos, orientando a reflexão em direção a uma filosofia da história, repensada à luz da filosofia do Angélico”.<sup>15</sup> Depois de análise pormenorizada conclui “que o pensamento filosófico do Pe. Henrique Vaz é, pela universalidade e modernidade dos temas tratados (...), aliados à profundidade, firmeza e originalidade da própria reflexão, um dos pontos mais altos de nossa cultura filosófica e tomista”.<sup>16</sup> Mas também em relatos mais recentes da filosofia contemporânea nacional,

---

<sup>9</sup> OLIVEIRA TORRES, João Camilo. *História das ideias religiosas no Brasil: a Igreja e a sociedade brasileira*. São Paulo: Grijalbo, 1968, p. 233-240.

<sup>10</sup> VILLAÇA, Antônio Carlos. *O pensamento católico no Brasil*. Rio de Janeiro: Zahar, 1975, p. 180-188. O autor analisa capítulos de VAZ, Henrique C. de Lima. *Ontologia e História*, São Paulo: Ed. Loyola, 1968.

<sup>11</sup> CRIPPA, Adolpho (coord.). *As ideias filosóficas no Brasil: século XX*. São Paulo: Convívio, 1978, p. 204.

<sup>12</sup> VITA, Luís Washington. *Pequena História da Filosofia*. São Paulo: Saraiva, 1968, p. 236-237. O autor retoma literalmente a passagem na obra póstuma *Panorama da Filosofia no Brasil*. Porto Alegre: Editora Globo, p. 146-147.

<sup>13</sup> JAIME, Jorge. *História da filosofia no Brasil*, vol. 3. São Paulo / Petrópolis: UNISAL, Vozes, 2000, p. 279-294.

<sup>14</sup> ARRUDA CAMPOS, Fernando. *Tomismo no Brasil*. São Paulo: Paulus, 1998, p.148-190. O autor já tratara com destaque de Lima Vaz em sua obra anterior *Tomismo e neotomismo no Brasil*. São Paulo: Grijalbo, 1968, p. 143-171.

<sup>15</sup> Idem, p. 148.

<sup>16</sup> Idem, p. 190.

o jesuíta recebe especial destaque. É o caso de *Conversas com Filósofos Brasileiros* de Marcos Nobre e José Márcio Rego, que o elenca entre os 16 pensadores contemporâneos que foram selecionados.<sup>17</sup> Significativo aqui é que seis dos entrevistados o mencionem com destaque, quatro dos quais manifestam extrema admiração pelo valor de seu pensamento.<sup>18</sup> Tamanhos elogios não são feitos a nenhum dos outros em qualquer das entrevistas. Isto não equivale a considerá-lo o autor mais influente no meio universitário, especialmente uspiano, ou no meio filosófico em geral. Sob este aspecto, dentre os nomes em questão, ele é facilmente superado, como se depreende dos depoimentos, por Oswaldo Porchat, Bento Prado Jr, José Arthur Gianotti, Marilena Chauí, entre outros. Igualmente importante é a posição ocupada por Lima Vaz na obra de Antonio Joaquim Severino *A filosofia contemporânea no Brasil: Conhecimento, política e educação*, já em sexta edição.<sup>19</sup> Sem fazer juízos de valor entre elas, o autor identifica nove correntes dominantes do pensamento filosófico recente no Brasil. Em cada uma delas destaca “um nome cujo trabalho filosófico (...) possa ser tomado como exemplo efetivamente representativo dessa inspiração”. A nosso filósofo cabe este papel no campo dos neo-humanismos. Trata-se, segundo o autor, “de uma síntese antropológica, capaz de superar, integrando-as, as visões *cosmocêntrica* dos gregos e *teocêntrica* dos medievais na construção de uma visão *antropocêntrica*”.<sup>20</sup> Entretanto, ainda que comente escritos de

---

<sup>17</sup> NOBRE, Marcos; REGO, José Márcio. *Conversas com Filósofos Brasileiros*. São Paulo: Editora 34, 2000.

<sup>18</sup> São eles, Gerd Bornheim (p. 56), Guido Antonio de Almeida, Raul Landim Filho, Tércio Sampaio Ferraz Jr. (p. 276), Paulo Arantes e Balthazar Barbosa Filho. Eis os seus testemunhos. Guido Antônio de Almeida: “A obra de padre Vaz me impressiona, antes de mais nada, por sua cultura filosófica, que é quase universal. (...) E essa enorme cultura filosófica não é superficial, demonstra um conhecimento profundo das questões clássicas da filosofia. Acho seus livros admiráveis por sua penetração, sem falar da enorme erudição” (p. 138). Raul Landim Filho: “Em todo caso, respondo à questão de vocês [sobre o caráter institucionalmente recente da filosofia no Brasil]: fui formado basicamente pelo padre Vaz (p. 251). Durante esses anos de estudo sempre me recordo com saudade e alegria das conversas que tive com o padre Vaz (p. 252). À pergunta ‘Quais são, na sua opinião, os filósofos brasileiros mais importantes?’, o professor menciona em primeiro lugar Padre Vaz, seguido de seis outros contemporâneos (p. 260). Balthazar Barbosa Filho: “Não se pode esquecer também do padre Henrique Cláudio de Lima Vaz, que teve um lugar destacadíssimo na história da filosofia nacional. Com sua erudição extraordinária, teve sempre claro, não obstante ser jesuíta, a consciência das diferenças entre a filosofia e as suas convicções religiosas. (...) [P]adre Vaz tinha um espectro de interesse muito mais amplo do que em qualquer outro local da filosofia no Brasil. Isso foi muito importante (...), sem prejuízo da notável qualidade de clareza e penetração dos argumentos de padre Vaz, um excelente filósofo” (p. 413). Paulo Arantes: Seu testemunho (p. 340) deve ser complementado pelo artigo “Um depoimento sobre Padre Vaz”, trechos do qual são transcritos mais abaixo (p. 12-13).

<sup>19</sup> SEVERINO, Antônio Joaquim. *A filosofia contemporânea no Brasil: Conhecimento, política e educação*. Petrópolis: Vozes, 2002, 4ª ed, p. 134-147.

<sup>20</sup> Idem, p. 139 (itálicas do autor). Ainda que possa ser aceito no significado que lhe dá o autor, o termo “antropocêntrico”, a meu ver, como mostrarei a seguir, não caracteriza adequadamente o pensamento de Padre Vaz, antes é por ele expressamente rejeitado como definidor da filosofia moderna, enquanto rejeita o transcendente.

até 1988, escolhe como representativo do estilo de pensar de Lima Vaz um texto importante do livro *Ontologia e História*, publicado em 1968.

O livro mais recente de Ivan Domingues *A Filosofia no Brasil: Legados e perspectivas* não é uma história da filosofia no sentido usual, antes uma reflexão metafilosófica sobre o lugar da filosofia na cultura brasileira através da história.<sup>21</sup> Mesmo assim, ao abordar os “últimos 50 anos”, a partir da “grande virada dos anos 1960”,<sup>22</sup> ele propõe seis matrizes do pensamento filosófico contemporâneo entre nós, “ressalvando que um mesmo nome pode aparecer em mais de uma delas”.<sup>23</sup> Lima Vaz é classificado na matriz metafísica, ao lado de Carlos Cirne Lima e José Arthur Gianotti.<sup>24</sup> Mas seu nome volta ainda duas vezes: na matriz ético-política, com ênfase na vertente ética, ao contrário de Marilena Chauí, Gianotti e Paulo Arantes, que acentuam a vertente política, e de Renato Janine Ribeiro, que procura “o liame entre as duas vertentes”,<sup>25</sup> e na matriz cultural, sob o aspecto da religião, enquanto “soube como poucos elevar as exigências da espiritualidade e da fé cristã às alturas da filosofia como obra metódica e imanente da razão”.<sup>26</sup> Ao distinguir nesta fase entre filósofos os *scholars* e os intelectuais públicos, Domingues o inclui nas duas categorias, juntamente com Marilena Chauí e Gianotti, representantes da geração seguinte, apoiando-se para tanto sobretudo no depoimento de Paulo Arantes.<sup>27</sup>

O testemunho deste filósofo uspiano é precioso, porque aponta diretamente não para o valor da obra de Lima Vaz, que ele reconhece evidentemente, mas para o seu papel absolutamente singular como intelectual público numa conjuntura decisiva da história do Brasil no século passado. Esta singularidade assume, segundo Arantes, três feições. Em primeiro lugar, quanto ao estilo do pensar filosófico, ele distingue por volta da década de sessenta, por um lado, o que chama de filosofia popular, que interessa ao público em geral, porque reflete sobre os problemas básicos da humanidade e, naquele momento, da sociedade brasileira, mas sem suficiente rigor e penetração filosófica. Refere-se, por outro lado, à filosofia profissional, desenvolvida então na USP por influência da missão francesa. Ela forneceu à nova geração um método rigoroso para a interpretação dos textos dos clássicos da filosofia universal, afastando-a, porém, do contato pensante com a realidade, em particular, a realidade social.<sup>28</sup> Ora, Padre Vaz, punha a sua mente penetrante e a sua extraordinária cultura e erudição filosófica,

---

<sup>21</sup> DOMINGUES, Ivan. *A Filosofia no Brasil: legados e perspectivas*. São Paulo: Editora UNESP, 2017.

<sup>22</sup> Idem, p. 429.

<sup>23</sup> Idem, p. 476.

<sup>24</sup> Idem, p. 477.

<sup>25</sup> Idem, p. 480.

<sup>26</sup> Idem, p. 481.

<sup>27</sup> ARANTES, Paulo Eduardo. Um depoimento sobre Padre Vaz. *Síntese – Revista de Filosofia*, v. 32 n. 102 (2005), p. 5-24.

<sup>28</sup> Idem, p. 15-18.

sua filosofia da história, justamente a serviço da interpretação do excepcional momento histórico que atravessava o Brasil de então e da formulação das vias de transformação da sociedade tradicional, injusta, desigual e sempre mais opressiva, à medida que a relação entre a elite e o povo revestia a estrutura do capitalismo global.<sup>29</sup> Como respostas a esta situação, confrontavam-se, ainda na visão de Arantes, além da posição conservadora do *status quo*, seja o nacional-desenvolvimentismo proposto sobretudo pelo ISEB, com sua fraqueza congênita, seja o marxismo de cunho soviético. É então que surge, como que por acaso e quase a contragosto, no cenário político nacional a figura única de Padre Vaz, única na sua personalidade e na sua proposta de um sólido socialismo cristão, baseado na relação intersubjetiva como reconhecimento do outro, na solidariedade e no respeito à dignidade de toda pessoa humana. Trata-se, da fundamentação teórica e da explicitação prática de uma tendência identificada por Arantes como “radical”, já presente em certos movimentos sociais anteriores, que se exprimia p. ex. no movimento de educação de base e na campanha pelas reformas de base, sempre através de um enfrentamento democrático e a favor da regulação moral dos conflitos sociais.<sup>30</sup> Depois de empolgar a juventude universitária católica (JUC), o projeto de Padre Vaz é assumido no campo político pelo grupo mais amplo e diferenciado da Ação Popular (AP), na sua fase anterior ao golpe militar de 64.<sup>31</sup> Com este se frustraram – por quanto tempo ainda? – as esperanças de redenção do povo brasileiro na linha reformista radical de inspiração cristã. E aqui se manifesta a terceira singularidade do filósofo jesuíta como intelectual público. Inspirador de um movimento social do maior peso, que poderia ter transformado profundamente a sociedade brasileira, ele era pessoalmente alguém praticamente desconhecido nas rodas políticas e pelos meios de comunicação social. Situação paradoxal que Arantes assim condensa: “Ele era, portanto, um intelectual público, um filósofo público, mas absolutamente privado.”<sup>32</sup>

---

<sup>29</sup> Idem, p. 18-19.

<sup>30</sup> Idem, p. 19-21,23. A este propósito, Arantes acrescenta: “O interessante é que esse terceiro movimento aparece não repudiando os outros. Ele aparece como uma terceira força, uma força política, aliás poderosíssima e persuasiva, como fica claro no movimento estudantil, e ao mesmo tempo dotada de uma doutrina que quase ninguém entendia direito. (...). O que mais importava é que era algo diferente dos outros movimentos então em ação e era algo novo. E onde estava a inspiração? No Vaz. No Padre Vaz. Era uma filosofia da história” (p. 19).

<sup>31</sup> Ao referir-se a textos de Padre Vaz da época, como “Cristianismo e consciência histórica” comenta Arantes: “Esses textos do Vaz foram realmente seminais naquele momento, principalmente para os que simpatizavam com o marxismo, sem ser marxistas, e procuravam justificações teóricas contundentes para sua militância política. Essa militância se opunha abertamente ao antagonismo social brasileiro, e, por isso, não restava dúvida: a maioria dos militantes se mostrava de esquerda, inclusive de extrema-esquerda, mas não comunistas. Ora, a novidade que seduzia nos textos do Vaz eram exatamente as relações que se estabeleciam entre filosofia, política e aquilo que nós poderíamos chamar de transcendência ou mística” (p. 14-15).

<sup>32</sup> Vale a pena citar todo o parágrafo do filósofo uspiano: “Outra coisa interessante de notar é que o Vaz pensava sozinho (...) num trabalho completamente anônimo. O caso do Pe. Vaz foi um caso absolutamente *sui generis* de intelectual público, mas absolutamente clandestino,

## **2. Presença efetiva de Lima Vaz no cenário filosófico contemporâneo no Brasil**

Demonstrada a importância em que é tida pelos entendidos no assunto a obra filosófica de Lima Vaz, tanto por sua qualidade intrínseca, como por sua repercussão pública, pelo menos, em um período de sua atividade intelectual, vejamos agora como se manifesta efetivamente a sua presença no meio filosófico, particularmente nos quase vinte anos posteriores a seu falecimento. Constatamos, em primeiro lugar, que seu tratado de Ética e, mais ainda, o de Antropologia Filosófica são e, provavelmente, serão ainda por anos utilizados como textos de base ou de referência por professores e alunos em cursos universitários, sobretudo em instituições de orientação católica. Por outro lado, é notável o número de teses de doutorado e de dissertações de mestrado dedicadas à exploração de seu pensamento. Foram identificadas 35 dissertações de Mestrado e 11 teses de Doutorado, sendo 35 na área de Filosofia e 11 em outras áreas, Direito, Educação, Teologia, Ciências da Religião e Bioética, defendidas em 21 diferentes instituições, entre as quais 09 universidades públicas brasileiras, como p. ex. UFMG, UFRGS, UNB e Unicamp.<sup>33</sup> Mais impressionante é a quantidade de artigos sobre seu pensamento, que vêm se multiplicando anualmente. Foram detectados 141 em periódicos acadêmicos, dos quais 120, posteriores a 2002, e mais 63 em jornais, boletins, sites e outros. Além das quatro coletâneas de textos a respeito de Lima Vaz ou em sua homenagem,<sup>34</sup> podemos contar com treze livros que têm como tema principal a sua filosofia.<sup>35</sup> Ainda que não disponhamos de estatísticas que comprovem rigorosamente esta

---

porque ninguém sabia dele: ele não falava em público, não escrevia em jornal, mas estava por trás de um movimento social da maior importância. E a descrição dele não se devia apenas à situação religiosa, à filiação à Companhia de Jesus, mas principalmente ao seu perfil psicológico. Vocês imaginem uma pessoa enciclopédica como ele, sendo modesto (por razões pessoais, cristãs, ou ainda outras que a gente não sabe) num país de megalômanos... Isso era fantástico! Ele era, portanto, um intelectual público, um filósofo público, mas absolutamente privado” (p. 19).

<sup>33</sup> Dados extraídos, como os que se seguem, do Memorial Padre Vaz, na Biblioteca da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Belo Horizonte. [https://www.google.com/search?gs\\_ss\\_p=eJzj4tLP1TcoSLLIMK0wYPQSyk3NzS\\_KTMxRKEhMKUpVKEusAgClbgqv&q=memorial+padre+vaz&oq=memorial+&aqs=chrome.1.69i57j46i39j0i433l2j0l2j69i60l2.12248j1j4&sourceid=chrome&ie=UTF-8](https://www.google.com/search?gs_ss_p=eJzj4tLP1TcoSLLIMK0wYPQSyk3NzS_KTMxRKEhMKUpVKEusAgClbgqv&q=memorial+padre+vaz&oq=memorial+&aqs=chrome.1.69i57j46i39j0i433l2j0l2j69i60l2.12248j1j4&sourceid=chrome&ie=UTF-8)

<sup>34</sup> PALÁCIO, Carlos (Org.). *Cristianismo e história*. São Paulo: Loyola, 1982; MAC DOWELL, João A. (Org.). *Saber filosófico, história e transcendência: homenagem ao Pe. Henrique Cláudio de Lima Vaz*, SJ, em seu 80º aniversário. São Paulo: Loyola, 2002; PERINE, Marcelo (Org.). *Diálogos com a cultura contemporânea: homenagem ao Pe. Henrique C. de Lima Vaz*, SJ. São Paulo: Loyola, 2003; OLIVEIRA, Cláudia Maria Rocha; ROCHA, Marcelo Antônio (Org.). *O que torna uma vida realizada: homenagem aos 100 anos de Henrique Cláudio de Lima Vaz*. Porto Alegre: Editora Fi, 2020.

<sup>35</sup> Acaba de sair mais um estudo de seu pensamento. PEPPE, Atílio Machado. *Trabalho e tecnociência na ética filosófica contemporânea: o legado de Lima Vaz*. São Leopoldo, RS: Editora Unisinos, 2021.

afirmação, tudo indica que poucos filósofos brasileiros seus contemporâneos poderão reivindicar maior número de estudos dedicados à própria obra. Com o risco de indevidas omissões, destacamos, dentre nomes mais conhecidos nos meios universitários nacionais que se debruçaram expressamente sobre o pensamento vaziano, os professores Franklin Leopoldo e Silva, José Henrique Santos, Raul Landim Filho, José Antônio Guido, Tércio Sampaio Ferraz Jr., Francisco Xavier Herrero, Fernando Rey Puente, Marcelo Fernandes de Aquino e Marcelo Perine.

Não obstante toda essa abundância de trabalhos universitários a seu respeito, que será reforçada com este número especial de *Síntese*, além de outras publicações comemorativas do centenário de seu nascimento, importa confessar que o pensamento vaziano está relativamente pouco presente no conjunto da reflexão filosófica atual em nosso país. Ele tem algum eco em instituições de inspiração cristã, mas desperta pouco interesse nas universidades públicas. Como já se mostrou, Lima Vaz foi amplamente respeitado em sua geração, por seu papel como promotor da abertura do pensamento católico brasileiro ao mundo moderno, ou por sua vasta cultura filosófica e seu profundo conhecimento da obra de Hegel. Prova disso são também as homenagens que lhe foram prestadas por ocasião de sua morte, em particular, pela Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia (ANPOF), que o distinguiu com seu prêmio anual anos antes.<sup>36</sup> Poucos, porém, se abalaram a penetrar suas ideias e a discutir suas posições, nem que fosse para criticá-las ou refutá-las. A que atribuir este déficit? De um modo geral, esta é, segundo me parece, uma característica da intelectualidade brasileira. Só ultimamente as publicações de autores nacionais vêm sendo com maior frequência citadas, resenhadas e debatidas. Ocorrem às vezes polêmicas. Mas a discussão das posições de colegas e mais ainda a discordância aberta, a crítica fundamentada, é rara, ao contrário do que acontece em outras paragens, onde com frequência os artigos sobre um autor atual são acompanhados de sua réplica ou tréplica. Em última análise, porém, o relativo silêncio em relação ao pensamento vaziano, enquanto procedente de um sacerdote católico, é expressão de um fenômeno de maior peso, a exclusão do problema de Deus no debate filosófico atual no Brasil. Não por acaso a linha de filosofia da religião do programa de pós-graduação em filosofia da UNB, instalada em 2004, permanece solitária no âmbito dos programas de pós-graduação das universidades públicas. Na obra já citada “Conversas com Filósofos Brasileiros” à pergunta “Como o senhor caracteriza a sua relação com a religião e a fé?” quatro dos entrevistados nas suas respostas se professam expressamente ateus, um agnóstico, nove não se definem claramente, tecendo diversas considerações sobre a religião, mas evitando pronunciar-se diretamente sobre a adesão a uma fé em Deus. Apenas Padre Vaz responde que

---

<sup>36</sup> Prêmio Nacional de Filosofia conferido aos 08-07-1988 pelo livro “Escritos de Filosofia”.

“nelas vive e delas se alimenta”, afirmando a compatibilidade entre suas convicções religiosas e sua profissão de filósofo e professor de filosofia”.<sup>37</sup> De fato, grande parte da filosofia brasileira atual, como se viu, está mais voltada para a interpretação dos grandes mestres do pensamento, do que para os problemas efetivos sobre o sentido da existência. É verdade que nestas análises históricas os autores não podem esconder completamente suas posições de base. Não se trata, porém, de uma discussão expressa e, muito menos, sistemática de tais questões, como exigiria um confronto com a reflexão vaziana. Sem dúvida, para muitos a questão de Deus, evidentemente fundamental para Padre Vaz, que, no entanto, sempre distingue cuidadosamente sua argumentação filosófica de sua fé cristã, é algo filosoficamente já liquidado, que nem interessa discutir. Esta situação deve ser atribuída ao clima anti-metafísico reinante. Seja sob a influência de Kant e dos vários tipos de positivismo que se baseiam na sua crítica do conhecimento metafísico, seja em função da inversão nietzscheana de todos os valores ou da destruição heideggeriana da história da metafísica ou ainda da dissolução pós-moderna do sentido unitário da razão, seja, enfim, em virtude do “*linguistic turn*”, promovido sobretudo pela Filosofia Analítica, os filósofos brasileiros contemporâneos mais conhecidos renunciaram, na sua maioria, a qualquer pretensão de discutir as questões últimas de sentido. Em particular, a afirmação de Deus é atribuída simplesmente a uma fé, que, para os que se declaram agnósticos, não encontra base suficiente no plano da razão, ou, para os que se professam ateus, é tida simplesmente como incompatível com o pensar racional. No meio acadêmico, em geral, mesmo os que creem em Deus por uma espécie de pudor tendem a deixar sem justificação a própria fé. Ora, como a filosofia é certamente obra da razão, uma posição que não pode contar com razões nem contra nem a favor, deve ser considerada definitivamente como estranha ao âmbito da problemática filosófica. Exclusão indevida no caso, no qual o pressuposto não se verifica,<sup>38</sup> e, aliás, já em vias de superação em outras nações, onde a discussão filosófica sobre fé e razão, sobre imanência e transcendência encontra-se na ordem do dia.<sup>39</sup>

---

<sup>37</sup> NOBRE, Marcos; REGO, José Márcio, *ob. cit.* p. 41.

<sup>38</sup> Veja-se a este respeito o artigo: VAZ, Henrique C. de Lima. Metafísica e fé cristã: uma leitura da “*Fides et Ratio*”. *Síntese – Revista de Filosofia*, v. 26, n. 85, 1999, p. 293-305. Ao explicar que a relação entre fé e razão não implica oposição, conclui: “ao utilizarmos a expressão Fé e Razão, o que na verdade comparamos são as razões da Fé com as razões da Razão” (p. 296). Mostra assim que a fé tem sua racionalidade própria distinta da razão lógico-demonstrativa.

<sup>39</sup> É o que acontece nos últimos tempos p. ex. no mundo filosófico europeu com Jacques Derrida, Jean-Luc Nancy, Alain Badiou, Gianni Vattimo, Slavoj Žižek, François Laruelle e mais recentemente Quentin Meillassoux, todos, ainda quando não crentes, interessados na temática metafísica, inclusive no cristianismo, sem falar do “*tournant théologique de la phénoménologie française*” (título de obra de Dominique Janicaud – 1992) com Michel Henry, Jean-Yves Lacoste, Jean-Luc Marion, Jean-Louis Chrétien.

### **3. Indícios da influência permanente do pensador jesuíta na filosofia brasileira do século XXI**

Concluimos aqui nosso balanço sobre a presença de Lima Vaz no cenário filosófico contemporâneo. Trata-se de uma investigação preliminar. Nossa pergunta, formulada de início é mais ambiciosa. Será que seu pensamento oferece algo de marcante, relativo a problemas fundamentais, permanentes e emergentes, que continue a provocar a reflexão filosófica em nosso século e a sugerir elementos para a resposta às questões candentes do futuro? À luz do que foi dito a resposta negativa parece impor-se de antemão. Se, apesar do destaque de que gozou na sua geração, pelo nível talvez incomparável de sua reflexão, ele não logra interessar na sua maioria os pensadores brasileiros de hoje, como poderá marcar presença no meio filosófico nacional de amanhã? A questão não é, porém, tão simples. Inspirados, como dito acima, em um escrito seu, pretendemos abordá-la em duas etapas: (1) esboçando o horizonte que envolverá o pensamento filosófico brasileiro do século XXI; (2) indicando a contribuição que poderá prestar o pensamento de Lima Vaz em tal contexto.

#### **3.1. Rumos do pensamento filosófico nacional**

Já estamos em pleno século XXI, mas as características do pensar filosófico que se desenrola nestes primeiros vinte anos, seja entre nós, seja em nível mundial, não podem ser consideradas sem mais como a marca dominante da filosofia do século. A tentativa de esboçá-la parece à primeira vista um exercício descabido de imaginação, contrário à índole da reflexão filosófica, que se exerce sobre o real. Este veredito seria aceitável, se não houvesse razões para entrever no presente uma certa antecipação do que sucederá no campo filosófico dos próximos tempos. Ora, como mostra Lima Vaz no texto que exploramos: “Em particular no campo da filosofia não há que esperar novas revoluções análogas às revoluções cartesiana e kantiana ou mesmo às revoluções menores da fenomenologia e da linguagem no século XX”.<sup>40</sup> Ele funda tal afirmação na constatação de que o fluxo vertiginoso dos eventos, característico de nossa civilização tecnizada, “bem como a sua disseminação imediata no tecido mundial das comunicações” prenuncia um processo de evolução contínua das ideias e produtos tecnológicos, antes que rupturas radicais.<sup>41</sup> Daí que extraia da figura do pensamento filosófico atual dois traços básicos que determinarão, ao que tudo indica, as feições do filosofar que se anuncia.

---

<sup>40</sup> VAZ, Henrique C, de Lima. Presença de Tomás de Aquino no horizonte filosófico do século XXI, *ob. cit.* p. 29.

<sup>41</sup> *Ibidem.*

Ele refere-se, por um lado, ao que denomina, recorrendo a um termo hegeliano, “memoração histórica”, que não constitui “apenas uma tarefa de erudição, de reconstituição crítica de fontes, de análise textual”. Consiste, antes, em “elemento constitutivo da prática do filosofar, tornando a história da filosofia um conhecimento genuinamente filosófico”.<sup>42</sup> Explicitando essa ideia, Lima Vaz continua:

A prática da reflexão filosófica depois de Hegel integrou definitivamente essa dimensão histórica, nela descobrindo uma espécie de retorno reflexivo da filosofia sobre si mesma na sua realização no tempo, (...) e nela reconhecendo os momentos singulares e privilegiados em que, (...) a intuição de um grande pensador descobre uma direção nova ou se eleva a uma altitude de onde se descobre uma nova região de problemas e de ideias.<sup>43</sup>

É inegável que este estilo de pensar é predominante hoje, pelo menos, no âmbito da filosofia continental. Depois de Hegel, Heidegger o assumiu de forma ainda mais radical e seus epígonos enfrentam os problemas fundamentais à luz da interpretação da cultura ocidental, em sua origem e desenvolvimento, com suas perspectivas e seus impasses atuais. Mesmo os filósofos analíticos vão se dando conta de que os termos da linguagem filosófica não podem ser adequadamente compreendidos senão no seu contexto histórico.<sup>44</sup>

O outro elemento que será dominante no pensamento filosófico de nosso século deriva, segundo Lima Vaz, de um fenômeno decisivo da época moderna, que teve sua origem com o “advento da nova ciência galileiana da *natureza*”. Ele continua:

Ela [a nova ciência] consagra em última análise, o triunfo da forma *poiética* do conhecimento que constrói nossas relações cognoscitivas e produtivas com o mundo segundo modelos *operativos* tanto *teóricos* quanto *técnicos* (...). É esse o programa grandioso da chamada tecno-ciência que hoje deixou de ser um instrumento setorial do saber e da produção para tornar-se a forma determinante do estilo da civilização que se impõe a nós nesse final do século XX (...).<sup>45</sup>

Essa mudança radical das relações do ser humano com o mundo não pode deixar de alterar o seu próprio ser-no-mundo. De fato, do ponto de vista cultural, assiste-se nos últimos séculos a uma transformação da espécie num ritmo vertiginoso, “que vai ampliando o domínio da *cultura* sobre a esfera da *natureza*”.<sup>46</sup> Os avanços da *tecnociência* repercutem decisivamente em todos os campos da atividade humana, determinando uma

---

<sup>42</sup> *Ibidem*.

<sup>43</sup> *Idem* p. 30

<sup>44</sup> É o caso p. ex. de Wilfrid Sellars, Richard Rorty e mais recentemente Robert Brandom, entre outros.

<sup>45</sup> *Idem*, p. 30-31.

<sup>46</sup> *Idem*, p. 32.

nova “forma do existir”.<sup>47</sup> A pergunta que levanta aqui nosso autor é se “as chamadas ciências humanas, que se situam justamente no universo epistemológico da tecnociência” seriam capazes de “dar satisfação a todas aquelas exigências e tendências que se manifestaram historicamente e se justificaram reflexivamente como constitutivas de uma autêntica existência humana”.<sup>48</sup> Refere-se, em particular, à “vertente ética da vida humana” e à “intencionalidade profunda da experiência religiosa”. Estas regiões mais profundas de nosso ser não podem ser atingidas por tais ciências em razão de seu próprio método e estatuto epistemológico.<sup>49</sup> Nelas “nasce e aflora no solo de nossa consciência a questão eminentemente *metafísica* sobre o próprio *sentido* da vida, sobre as *razões* de viver”.<sup>50</sup> Estes problemas “resistem a toda tentativa de dissolução crítica e de invalidação histórica”.<sup>51</sup> É assim que “o advento vitorioso e dominador da tecnociência na teoria e na prática (...) repropõe imperiosamente, ainda que paradoxalmente, problemas de natureza metafísica”.<sup>52</sup> Neste sentido, conclui Lima Vaz, ao longo do século XXI,

do próprio âmago do universo da tecnociência, ao constituir-se como forma dominante e envolvente da cultura (...) as questões metafísicas ressurgirão, a atestar a permanência, na sua profundidade não alcançável pelo pensamento científico ou pelos procedimentos técnicos, da interrogação humana sobre o *ser* e sobre o *sentido*.<sup>53</sup>

Dois são, portanto, os traços indicados por Lima Vaz como característicos do pensar do século XXI: o elemento histórico, quanto ao método, e a problemática metafísica, quanto ao conteúdo. Não se trata, porém, de uma enumeração exclusiva. Outras temáticas, de cunho ético p. ex., poderão destacar-se no panorama filosófico mundial.<sup>54</sup>

Mas será que as indicações dadas por ele, de modo tão convincente, valerão também para o Brasil? Como já se mostrou predomina entre nossos estudiosos a exegese de textos dos nomes clássicos da tradição filosófica ou mesmo de figuras de prestígio mais recente, de modo que muitos tendem a assumir as posições de seus autores preferidos sobre questões de fundo, as mais das vezes, sem uma elaboração pessoal e ditada pela problemática atual. Esta não é, certamente a “rememoração” proposta por Lima Vaz. No entanto, uma vez adquirida a fundamentação científica da compreensão da evolução do pensar ao longo da história do Ocidente, é natural que os autores nacionais voltem-se mais expressamente para o

---

<sup>47</sup> *Ibidem.*

<sup>48</sup> *Ibidem.*

<sup>49</sup> *Ibidem.*

<sup>50</sup> *Ibidem.*

<sup>51</sup> *Idem* p. 33.

<sup>52</sup> *Ibidem.*

<sup>53</sup> *Idem* p. 34.

<sup>54</sup> *Ibidem.*

diálogo com esta tradição a partir das experiências específicas de nossa trajetória cultural e da configuração que elas imprimiram a nossa sociedade. Neste sentido, desenvolverão um filosofar que assume intrinsecamente a dimensão histórica, conscientes de que o passado pertence necessariamente à autocompreensão do presente.

O mesmo poderá ser dito a respeito da problemática metafísica? O próprio Lima Vaz admite que esta inclusão entre os interesses dominantes do pensar filosófico de nosso século é paradoxal. Quando grande parte da produção filosófica no Brasil e no mundo se assume tranquilamente como pós-metafísica, quando muitos anunciam o fim da própria filosofia, não no sentido heideggeriano, mas com a prevalência absoluta do conhecimento tecnocientífico na explicação da realidade, como manter a esperança de uma volta qualificada da metafísica ao cenário cultural? Já hoje o naturalismo de certas correntes em expansão da filosofia da mente, dificilmente pode considerar-se filosofia, na medida em que usam a seu modo o método hipotético-dedutivo, procedimentos experimentais, para a comprovação de suas afirmações. A estes prognósticos negativos pode-se contrapor, porém, o princípio da ação-reação no campo da cultura, como faz Lima Vaz.<sup>55</sup> Quanto mais drástica a poda de elementos que pertencem às raízes mesmas do modo-de-ser propriamente humano, tanto mais vigoroso o despontar de novos rebentos que restituem à vida seu feitio original. Foi como expressão desta tendência que se deu o ressurgimento da religião a partir da década de 70 do último século, provocado pela falta de sentido e pelo viés racionalista da existência moldada pela modernidade. Há, porém, uma diferença crucial entre os dois casos. A religião brota, sem dúvida, das profundezas do espírito humano, mas no clima inóspito da modernidade avançada, caracterizado pela dessacralização do mundo e por um horizonte teórico e existencial puramente imanente, cresce como uma planta raquítica, deformada, incapaz de produzir verdadeiros frutos de vida.<sup>56</sup> Com o pensamento metafísico, por seu caráter reflexivo, crítico, controlador de seus movimentos, a história é outra.

É importante esclarecer aqui o que se vem entendendo por metafísica. Afastado o significado mais restrito de uma disciplina filosófica, metafísica é, em primeiro lugar, o estilo de pensar introduzido por Platão e prevalente em toda a história do Ocidente. Como indica o próprio termo, meta-físico é o que está além do físico, da natureza, objeto de nossa experiência imediata. Consiste basicamente na distinção de dois níveis da realidade, enquanto a nós se manifesta, o sensível e o inteligível, e daí matéria e espírito, corpo e alma, existência e essência, fato e valor, imanente e transcendente, mundo e Deus e assim por diante. Para Lima Vaz, ainda que esta seja a

<sup>55</sup> Cf. Supra p. 15 [n. 53]

<sup>56</sup> Cf. MAC DOWELL, João A. Experiência religiosa e cultura moderna. *Interações*, vol. 3, n. 4, 2008, p. 17-36, aqui, p. 31-33.

sua concepção de metafísica, a noção de problemática metafísica é bem mais extensa, como repete várias vezes no artigo que comentamos.<sup>57</sup> Trata-se da questão do sentido da existência que pode ser respondida ou não respondida de várias maneiras e com diferentes alegações, mas que é em si mesma inescapável, como mostra a experiência de todo ser humano no seu próprio modo de ser, enquanto dotado de razão. Ser racional não significa senão perguntar pelo sentido das coisas, em particular e no seu todo. A resposta poderá ser a afirmação do sem sentido da existência, ou a negação do metafísico, do transcendente, do divino. Mas será sempre a resposta à questão metafísica por antonomásia. Como se viu acima, nosso filósofo chama atenção para as transformações cada vez mais aceleradas da cultura e de suas intervenções sempre mais maciças na natureza. Em todo caso tem-se a ver sempre com natureza e cultura, a cultura enquanto distintivo da natureza humana. Ele não leva em conta aqui uma transformação da natureza humana pela engenharia genética ou por outros procedimentos tecnológicos que construíssem um transumano dotado de capacidades outras que não a racionalidade como nós a conhecemos.<sup>58</sup> Nesse caso, o objeto desta etapa de nossa investigação, as características da filosofia ao longo do século XXI, perderia *a fortiori* sua razão de ser.

### **3.2. Influência de Lima Vaz na reflexão filosófica que está por vir no Brasil**

Estabelecidos os rasgos determinantes, ao que parece, da reflexão filosófica nacional nos próximos decênios deste século, resta-nos enfrentar o objetivo final de nossa interrogação: Qual poderá ser a influência de Lima Vaz na configuração do pensamento que se anuncia no Brasil? Sua obra será apenas recordada como uma produção de destaque superior no período respectivo da história da filosofia no Brasil, ou ela poderá também contribuir na elaboração de novas abordagens da realidade do ponto de vista filosófico? Esta pergunta, mais ainda do que as anteriores, ameaça introduzir-nos no terreno da futurologia, incompatível com um pensar sério de cunho filosófico. Tentaremos evitar este risco baseando, como até agora, nossa previsão em algo já constatado no presente. A pergunta pode ser colocada em dois níveis. Por um lado, se os escritos de Lima Vaz continuarão a ser empregados para a compreensão da realidade, particularmente, dos novos tempos, como já delineada. Por outro lado, se seu pensamento será assumido como solução de problemas fundamentais no âmbito definido, ou mesmo poderá inspirar novos desenvolvimentos que enriqueçam o pensamento filosófico nacional ou sirvam para a elucidação de novos problemas.

---

<sup>57</sup> VAZ, Henrique C. de Lima. Presença de Tomás de Aquino no horizonte filosófico do século XXI, *ob. cit.* p. 32-33.

<sup>58</sup> Idem, p. 31-32.

É fácil constatar que a feição da filosofia nos próximos tempos, apontada por Lima Vaz, espelha os rasgos de seu próprio pensamento. História e transcendência são, a nosso ver, os títulos que, na sua correlação, melhor definem sua obra.<sup>59</sup> É também, como se viu, a opinião de Fernando de Arruda Câmara, Antônio Severino, Ivan Domingues e Paulo Arantes, entre outros que se poderiam citar. Não cabe aqui voltar sobre a concepção vaziana de rememoração, que caracteriza o seu estilo de pensar,<sup>60</sup> como demonstram suas obras principais, tanto a *Antropologia Filosófica* quanto a *Ética*, compostas de uma parte histórica e outra sistemática, estritamente interligadas pela intenção de mostrar o condicionamento histórico das sucessivas abordagens das várias questões.<sup>61</sup> O mesmo se diga, com maior razão, de *Raízes da modernidade*, livro cujo objetivo principal é justamente mostrar como o pensamento metafísico de Tomás de Aquino ou, mais exatamente, a sua incompreensão na escolástica posterior, por obra de Duns Scoto, Guilherme Ockham e Francisco Suárez determinou decisivamente, numa linha de continuidade, a filosofia de Descartes e todo o pensamento moderno.<sup>62</sup> Este deve ser compreendido como a inversão do esquema teocêntrico cristão na formulação tomásica – que, mediante uma reflexão estritamente filosófica, entende o mundo como comunicação do ser ao ente finito pelo Ser em plenitude (*esse subsistens*) – pelo antropocentrismo cartesiano, que vê no *cogito* o *fundamentum inconcussum* do todo da realidade. Esta compreensão da rememoração histórica e de sua importância no pensamento vaziano já foi suficientemente esclarecida quando expusemos a sua opinião sobre os traços dominantes da filosofia do presente e do futuro próximo. Ele oferece assim um instrumento válido para a compreensão deste aspecto da filosofia por vir e para a iniciação em tal método de filosofar.

Mais complexa é a demonstração da contribuição do pensamento do jesuíta mineiro na exploração do outro aspecto que ele considera estar presente no horizonte filosófico do início do terceiro milênio. Tudo indica que a questão metafísica do sentido da existência virá à tona no cenário brasileiro, como já acontece em outras paragens. No entanto, a resposta de Lima Vaz é justamente a afirmação da metafísica, enquanto reconhecimento da transcendência do espírito, cuja abertura formal para o ser em sua ilimitação, não pode ser entendida em última análise senão como tendência para o infinito real, absoluto e necessário, que todos chamam Deus. É o que ele

---

<sup>59</sup> Tal é o título do volume publicado em sua homenagem por ocasião de seu 80º aniversário: MAC DOWELL, João A. (org.). *Saber Filosófico, História e Transcendência*, São Paulo: Loyola, 2002.

<sup>60</sup> LEOPOLDO, Franklin. Notas para um estudo dos procedimentos metódicos em Lima Vaz: singularidade e transcendência na apreensão das ideias. *Síntese – Revista de Filosofia*, v. 30 n. 97, 2003, p. 149-158.

<sup>61</sup> Na sua *Antropologia Filosófica* Lima Vaz apresenta concisamente o conceito de “rememoração” como elemento fundamental de seu método filosófico. VAZ, Henrique C. de Lima *Antropologia Filosófica I*. São Paulo: Loyola, 1991, p. 165-166.

<sup>62</sup> Cf. VAZ, Henrique C. de Lima. Presença de Tomás de Aquino no horizonte filosófico do século XXI, *ob. cit.* p. 36.

demonstra no importante estudo que denomina “Tomás de Aquino do Ser ao Absoluto”.<sup>63</sup> Ora, este caminho para a afirmação filosófica de Deus, como ente primeiro, causa e fundamento da realidade humano-mundana, é hoje em dia largamente contestado, não só à luz da crítica kantiana da metafísica, mas também da crítica heideggeriana do seu caráter onto-teológico. É verdade que Lima Vaz com razão isenta o pensamento de Tomás de Aquino e, por conseguinte o seu, da pecha de ontoteológico.<sup>64</sup> Nem por isso ele se subtrai ao âmbito da metafísica tradicional de origem platônica, conforme definida acima, objeto atualmente de ampla rejeição, cujo acerto ou não, não se trata aqui de discutir. Tudo indica que é esta situação que o leva a propor, sem dispensar a via que sempre seguiu, “uma nova figura da Transcendência” e do acesso do pensar a ela:

Se, depois de transformações tão profundas do espaço natural e do espaço mental do homem moderno, o Princípio não se mostra mais visível na ordem da Natureza, segundo o modelo da *scala creaturarum*, será talvez na presença do *outro* como *alter ego* que ele deverá transluzir. Então sua transcendência se manifestará como a do *Outro* absoluto, portanto irreduzível à imanência do sujeito e, no entanto, dele infinitamente próximo, pois se faz presente em toda forma de reconhecimento e, exemplarmente, na reciprocidade oblativa do amor (...).<sup>65</sup>

E continua:

[A] tradição cristã guarda aqui a riqueza de uma palavra – *Deus é amor* [I Jo 4,8] –, que poderá, na aurora do terceiro milênio, ser a luz de um dia mais humano para os homens reunidos numa civilização universal enfim viável.<sup>66</sup>

Fica claro, portanto, que ao falar da presença da questão metafísica no panorama filosófico do século XXI, ele não se refere apenas à metafísica tradicional em sentido estrito, mas a todo pensar que se interroga sobre o sentido último da existência. Tal interrogação poderá apoiar-se em sua reflexão, desde que se encaminhe à aceitação de um Transcendente real, ou seja, à afirmação de que o ser humano implica, na sua própria constituição, a experiência de uma alteridade superior, o divino, que não pode ser contida no horizonte imanente de seu mundo, embora nele se manifeste.

A previsão desses dois traços provavelmente predominantes na reflexão filosófica brasileira de nosso século, que identificamos com base na proposta de Lima Vaz para o mundo filosófico em geral, poderia, contudo, ser con-

---

<sup>63</sup> VAZ, Henrique C. de Lima. Tomás de Aquino do Ser ao Absoluto, em: *Escritos de Filosofia III: Filosofia e Cultura*, São Paulo: Loyola, 1997, p. 283-342. Este estudo é complementado por dois outros no mesmo volume: “Um itinerário para o Absoluto” (p. 255-282) e “A metafísica na modernidade” (p. 343-367).

<sup>64</sup> VAZ, Henrique C. de Lima. *Escritos de Filosofia III: Filosofia e Cultura*. São Paulo: Loyola, 1997, p. 336-338.

<sup>65</sup> VAZ, Henrique C. de Lima. O problema da comunidade ética, in: Idem. *Escritos de Filosofia III: Filosofia e Cultura*, op. cit., p. 151.

<sup>66</sup> *Ibidem*.

testada, no caso do Brasil, com outra aplicação do princípio de ação-reação. Refiro-me ao movimento de descolonização cultural enquanto pretende tornar-se a forma autêntica do pensar filosófico, em particular, na América Latina e no Brasil.<sup>67</sup> Trata-se de reação contra um fenômeno indiscutível, ou seja, a dependência fundamental de nossa reflexão filosófica de modelos estrangeiros, europeus, primeiramente neoescolásticos no período colonial e além, e também franceses, alemães e mais recentemente anglo-saxônicos. Não cabe aqui entrar na discussão sobre a existência até hoje de uma filosofia brasileira, com características específicas, como se fala de filosofia francesa ou alemã. Certamente, o autêntico filosofar consiste em transpor em conceito a sua realidade no seu tempo, como gostava de lembrar Padre Vaz, repetindo a ideia conhecida de Hegel.<sup>68</sup> Ele mesmo desempenhou de forma eminente esta tarefa em uma fase de seu percurso filosófico, como já se indicou. Mas todo o seu pensar posterior, embora sem descer nos seus escritos aos problemas sócio-políticos correntes, não teve outra preocupação senão discernir os caminhos de um verdadeiro humanismo entre as diversas tendências culturais emergentes no cenário mundial e nacional.<sup>69</sup> Neste sentido, qualquer elaboração do pensamento a partir da realidade nacional, longe de excluir, inclui necessariamente os tópicos por ele assinalados, a história, como determinante do perfil atual de nossa realidade, e a metafísica, como como indagação sobre seu sentido último.

A questão fundamental que levantam os movimentos descolonizantes refere-se, em última análise, à interpretação da universalidade do pensar filosófico. Na sua abordagem aplica-se mais uma vez a dialética universal-particular-singular tão cara ao próprio Lima Vaz.<sup>70</sup> O universal aqui é a razão humana, não no sentido estreito da razão discursiva, mas como expressão de tudo o que nos qualifica essencialmente como humanos e nos distingue de todos os demais entes de nossa experiência. O particular são as diversas culturas. O universal está sempre particularizado, não só pela diversidade cultural, mas também por outros múltiplos fatores que decorrem de nossa inserção como espíritos – qualquer que seja o termo ou a sua compreensão particularizada – no mundo, ou seja, como algo que justamente transcende de algum modo este mundo. Malgrado esta particularização incontornável, o universal da natureza humana e de sua razão mantém-se como algo irreduzível contra todo empirismo, nominalismo e culturalismo radical. A razão capta na pluralidade dos entes aspectos

---

<sup>67</sup> Aqui nos referimos apenas à descolonização no campo filosófico. A proposta é mais ampla, abrange todos os âmbitos da cultura. Preferimos o termo descolonização, porque se serve de um prefixo próprio de nossa língua para indicar uma ação contrária (fazer / desfazer). O prefixo “de” em português não tem este significado, próprio do francês “dé”.

<sup>68</sup> Cf. VAZ, Henrique C. de Lima. *Escritos de Filosofia III: Filosofia e Cultura*, op. cit., p. 46.

<sup>69</sup> Cf. VAZ, Henrique C. de Lima. Humanismo hoje: tradição e missão. *Síntese*, v. 28, n. 91, 2001, p. 157-168.

<sup>70</sup> Este movimento dialético estrutura, particularmente, os conceitos básicos de sua Ética. VAZ, Henrique C. de Lima. *Escritos de Filosofia V: Introdução à Ética Filosófica II*. São Paulo: Loyola, 2000.

comuns, que competem identicamente a muitos entes singulares de nossa experiência, embora neles se realizem diversificadamente. A realidade singular do pensamento filosófico de cada um, na perspectiva adotada por Lima Vaz, não é senão a síntese do universal da razão na particularidade empírica das várias culturas e da peculiaridade dos indivíduos.

É assim que não tem sentido pretender rejeitar o patrimônio filosófico da humanidade, em particular, da cultura ocidental, à qual pertencemos estruturalmente (língua, estilo de vida, direito, religião, padrões éticos, ciência, sistema educacional, arquitetura urbana, e assim por diante), numa modalidade específica, fortemente marcada pela cultura africana negra e pela cultura indígena. Seria desconhecer toda a história de nosso povo e de seu pensar, numa geração espontânea, sem referência aos problemas fundamentais da compreensão da realidade, identificados e aprofundados através dos tempos, e sem recurso às soluções que lhes foram dadas no curso da história a partir de diferentes contextos culturais. Sem dúvida, só há ou haverá uma filosofia genuinamente brasileira, na medida em que, não só as ideias importadas sejam aplicadas à análise de nossa realidade específica, o que já tem sido feito, inclusive por Lima Vaz, mas também tal análise forneça elementos que tinjam com nossas cores as categorias de base com as quais é levada a cabo. Como no campo econômico-político, também no campo cultural e especificamente filosófico, há de se evitar, tanto a globalização avassaladora e niveladora, a partir do mais forte, que não respeita as diferenças entre os povos e suas culturas, como a rejeição da intercomunicação e dos aportes enriquecedores de um mundo cultural a outro, fundados na base natural comum a toda a humanidade.

De tudo que foi dito, cremos poder concluir que o pensamento de Lima Vaz tem grandes chances de permanecer vivo no horizonte filosófico nacional ao longo de nosso século, questionando toda tentativa de reduzir o papel e o alcance da razão filosófica na sua trajetória histórica e fornecendo elementos preciosos para a abordagem, de um ponto de vista nosso, dos problemas sempre recorrentes, ainda que sob novas facetas, ou de outros que vêm surgindo.<sup>71</sup>

Endereço do Autor:

Comunidade São Roberto Bellarmino  
Rua Adelina Sales Pereira, 217  
Planalto  
31720-440 Belo Horizonte - MG  
macdowsj@faculdadejesuita.edu.br

---

<sup>71</sup> Vários dos artigos reunidos neste fascículo de *Síntese* comemorativo do centenário de seu nascimento confirmam esta afirmação, enquanto já se servem do pensamento de Lima Vaz para o enfrentamento de questões novas e atuais.